

O ESPETÁCULO DA POBREZA E O CONFLITO DE CLASSES EM *MAGGIE: A GIRL OF THE STREETS* DE STEPHEN CRANE

Adriana Carvalho Conde
Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO: Examinamos o romance *Maggie: A Girl Of The Streets* de Stephen Crane, publicado em 1896, nos Estados Unidos, focalizando as estratégias discursivas do autor na narrativa a fim de evidenciar os conflitos existentes entre duas classes distintas, a classe média, formada pela sociedade vitoriana e a classe pobre, trabalhadora, composta majoritariamente por imigrantes, em Nova York. Refletimos sobre os problemas acarretados por meio da descrição das experiências da classe operária em ambiente degradante, nesse caso, na região dos *tenements*, espécie de cortiços, na cidade de Nova York, em pleno desenvolvimento industrial. Crane realiza uma crítica da situação dos imigrantes naquele contexto em sua obra considerada um “tratado social” cuja característica fundamental é marcada pela ironia presente na narrativa do autor, em que cria circunstâncias que se mostram contraditórias, revelando, por meio delas, valores morais e conflitantes que apontam para a existência de forças sociais distintas que se repelem.

PALAVRAS-CHAVE: Maggie; Stephen Crane; Crítica Social.

ABSTRACT: We have examined the novel *Maggie: A Girl Of The Streets* of Stephen Crane, published in 1896 in the United States, focusing on the discursive strategies of the author in the narrative in order to highlight the conflicts between two distinct classes, the middle class, formed by Victorian society and the poor working class, made up mostly of immigrants in New York. We reflect on the problems brought about by describing the experiences of the working class in a degrading environment, in this case, in the region of tenements in New York City, in the industrial development. Crane performs a critical situation of immigrants in this context in his work considered a "social agreement" whose key feature is marked by this irony in the narrative of American author that creates circumstances that show contradictory, revealing through them moral values and conflicting that they point to the existence of different social forces that repel themselves.

KEYWORDS: Maggie; Stephen Crane; Social Criticism.

Maggie Johnson, menina da classe trabalhadora e prostituta, protagoniza a história de *Maggie: A Girl Of The Streets*, publicado primeiramente em 1893 e depois em uma segunda edição em 1896, por Stephen Crane. A personagem prostituta experimenta a decadência física e moral, juntamente com outros moradores, nos bairros do *Lower East Side*, na cidade de Nova York, em pleno desenvolvimento industrial, no século XIX. O romance chamou a atenção da crítica porque toca ironicamente nas questões referentes aos vícios e à violência e também por ter como protagonista, uma personagem prostituta. A dinâmica das relações sociais construídas pelo autor nos dá acesso a todo um sistema simbólico de representações da

realidade social daquele momento e fornece instrumentos para uma análise interpretativa sobre os papéis sociais exercidos pelas personagens e pela obra do escritor naturalista.

Ao selecionar o romance de Crane, verificamos que as figuras que ilustram o romance são moradoras dos cortiços, os “*tenements*”, do subúrbio de Nova York, especificamente na Rua *Bowery*, caracterizados como vilões, alcoólatras, prostitutas, uma massa disforme de pessoas degradadas pelo ambiente. Os *tenements* proliferaram na metrópole americana por volta dos anos 1830, com o influxo da classe trabalhadora, especialmente formada por imigrantes criou-se uma demanda por moradias com baixo custo e que tivessem a capacidade de abrigar o maior número de pessoas possível. Nelas amontoavam-se diferentes famílias de variadas etnias e costumes, porém constantemente, a disputa por espaço era tratada com doses excessivas de violência. Marcada por uma luta incessante pela sobrevivência, a representação dessa classe na literatura evidencia as preocupações da sociedade e deixa claro que o momento foi conturbado, referente às mudanças sociais nos Estados Unidos. Em contrapartida, a violência ditada pela vida nas regiões pobres de Nova York ainda não havia atraído os olhares da classe média, a qual se recusava a pensar sobre um tema inquietante e que costumeiramente era atrelado a tabus e preconceitos.

Stephen Crane aparece no cenário literário, após a Guerra Civil, num período delicado da história da América, em que o país teve mudanças dramáticas em relação ao aumento de tamanho, de população e transformações pontuais na sua economia. Entre as mudanças também apareceram dois movimentos literários significativos, revolucionando a maneira de expressão artística, entre eles, está o surgimento do Realismo e mais tarde do Naturalismo, e Crane, parece participar do período entre o Naturalismo e o Modernismo, reagindo contra o Romantismo. Os aspectos referentes ao momento histórico dos Estados Unidos, as condições desfavoráveis que punham em risco o desenvolvimento da nação, segundo a perspectiva nativista, bem como o descontentamento com os rumos da sociedade, principalmente aos que

levavam à destruição do caráter do ser humano foram expressos literariamente no movimento chamado Naturalismo, o qual assume conotações específicas nos Estados Unidos.

A arte naturalista do século XIX, expressada em sua forma literária, foi na maioria das vezes, considerada um gênero singular, já que trazia à tona novas cores na forma de expressar o sentimento da época em que se privilegiavam teorias científicas para explicar o comportamento humano na história, no contexto da industrialização e a literatura naturalista norte-americana participa dessa especificidade.

O Naturalismo surge e se instala nos Estados Unidos em contestação às pressões internas do país com as rápidas mudanças sucedidas. Surge em resposta à crescente discórdia social que se agravou com a Revolução Industrial e o capitalismo desenfreado. O naturalismo enraíza-se na América em razão do descontentamento e desilusão causados pelas transformações econômicas e sociais e com os problemas motivados por elas. June Howard no prefácio de *Form and History in American Literary Naturalism*, (1985, p. ix) afirma que os escritores naturalistas viveram e expressaram suas experiências em um período de incertezas e que investigar o naturalismo é investigar um momento histórico e que expressa uma ideologia imanente, É uma maneira de imaginar o mundo e a relação do eu com o mundo, uma maneira de fazer sentido – e fazer narrativa [...]. No início de sua carreira, Stephen Crane aponta o caminho para a crítica quanto a sua idealização da literatura naturalista. Ele mesmo não se considera um autor naturalista, renunciando às regras da escola literária e demonstra claramente sua acepção de arte literária na inscrição abaixo (CRANE, 1893, apud. WEST, 2014, p. 215):

Eu renuncio à escola inteligente em literatura. A mim parece que deve haver algo mais na vida que se sentar e martelar o cérebro para expedientes inteligentes e espirituosos. Então eu desenvolvi sozinho, uma pequena crença sobre a arte que eu considerei boa. Depois eu descobri que minha crença era idêntica às de Howells e Garland e dessa forma me envolvi com a bela guerra entre aqueles que dizem que a arte substitui o homem pela natureza e nós temos maior sucesso na arte quando nos aproximamos mais intimamente da natureza e da verdade.

Nascido em 1871, em Newark, New Jersey, Stephen Crane foi filho de pais metodistas, rigidamente religiosos. Ele se rebelou quando bem jovem contra as exigências da família e tornou-se escritor em tempo integral. Para escrever seu primeiro livro *Maggie, a Girl of the Streets* (1893), Crane passou uma temporada vivendo nas regiões pobres da Rua Bowery, em Nova York, a fim de conferir autenticidade ao seu trabalho, na tentativa de obter objetividade jornalística, seguindo o método proposto por Garland de “natureza e verdade”. De acordo com West (1962, p.227): “O que ele fez foi sugerir os meios adequados para ligar os dois extremos entre os naturalistas”. Afirma também que Crane, mais que autores como Garland e Henry James, antecipando futuros interesses nas letras Americanas, como os de Hemingway e William Faulkner e acrescenta (WEST, 1962, p.228): “Crane não apenas manteve a fidelidade à tradição de investigação honesta e viva, tornando-a significativa para as gerações seguintes”.

O romance, cuja personagem protagonista é uma prostituta de rua, retrata o mais verossímil possível cenas do cotidiano da classe pobre, cujos detalhes foram capazes de chocar o leitor dos anos 1890. Entre as obras de Stephen Crane encontramos contos como “The Open Boat”, escrito em 1897 e integra a narrativa sobre a classe pobre. O autor também possui um número considerável de *sketches*, encenadas nos teatros, em que também aborda o cotidiano das pessoas dos cortiços.

Em *The Badge Red Of Courage* (1895), seu grande sucesso, Crane focaliza os momentos de reflexão de apenas um soldado, Henry Fleming, representando sua mente como um labirinto de ilusões, vaidade e idealismo e ingenuidade romântica desafiada pelas duras lições dadas pela guerra. Nesse trabalho descreve a indiferença humana a respeito de sua existência. Ele influenciou fortemente as produções literárias do século XX, a ficção americana, principalmente os escritos dos autores modernistas, o que faz do romance um dos mais importantes da literatura mundial. Segundo Paul Sorrentino (2006, p. 26), no começo da

carreira de Crane, nos anos de 1890, o mundo literário estava no meio das discussões do que chamavam Realismo de Guerra, em que os escritores debatiam qual a melhor forma de escrever e expressar os conflitos da sociedade. Ele foi fortemente influenciado por essas discussões e por dois escritores principais, Hamlin Garland e William Dean Howells.

Em *Maggie: A Girl Of The Streets* (1893), seu primeiro romance, em *The Red Badge of Courage* (1895), no conto “The Open Boat”, até o seu último trabalho, “The Blue Hotel” (1898), o autor conserva alguns aspectos imutáveis ao idealizar a natureza como a força que afeta o destino de seus personagens. O primeiro romance, *Maggie* é considerado um de seus maiores trabalhos, em que explicita a ideia de que a natureza é a força que comanda os males da sociedade e os impulsos naturais são as molas propulsoras do indivíduo, não em direção ao caminho da felicidade, mas ao caminho da destruição e da infelicidade. Em *The Badge Red Of The Courage*, forças naturais compelem o herói a travar um combate interno, assim como influencia a batalha entre os inimigos. No conto “The Open Boat” há um confronto direto entre o homem e a natureza simbolicamente retratado. Em “The Blue Hotel”, o medo se torna algo incontrolável diante da implacável natureza, a qual determina os eventos da história.

Para Eric Solomon, *Maggie: A Girl Of The Streets* seria um ataque em forma de paródia aos romances que idealizavam a realidade vivenciada pela classe pobre. Os textos de Crane possibilitam uma reconstrução retórica da realidade, cuja função é cultural e ideológica. Solomon (1966 apud MARIANI, 1992, p.4). Ele igualmente afirma que os textos de Crane, ao contrário, seguem o modelo dos textos anteriores ao naturalismo e tentam expressar as mesmas preocupações, ao nível do estilo e que contém as ansiedades sociais, que inicialmente aparecem como crítica de certa realidade social, assemelhando-se muito aos textos modernistas. O autor novaiorquino tenta direcionar os anseios da época ao nível do estilo. Primeiramente, apresentando como tema certos distúrbios sociais como a violência e a vida dos moradores dos *tenements* como uma espécie de “espetáculo”, uma obra contemplativa,

para chamar a atenção do leitor e o aproximar da realidade. Algo para o leitor apreciar esteticamente. Em segundo lugar, há o uso da ironia embebida da voz subversiva de Crane.

Mariani (1992, p.4) declara que:

Em vez de trazer o leitor mais perto para mostrar a realidade objetiva, o que alguns chamam de realismo e outros de impressionismo dos textos de Crane, deveriam ser vistos como uma descrição estratégica espetacular visando deslocar qualquer ansiedade política que pudesse surgir. Em outro nível, os narradores de Crane tentam constantemente retirar-se do texto que constrói por meio do uso da ironia. Muitos críticos elogiaram a ironia intrínseca na voz narrativa de Crane como subversiva.

Em um breve panorama dos acontecimentos no final do século XIX podemos afirmar ter havido um fator fundamental que revolucionou e transformou a sociedade e a economia dos Estados Unidos e de países europeus, relacionado ao estabelecimento, nesse período, de uma nova economia industrial, baseada na produção têxtil e no surgimento da classe trabalhadora. Houve várias consequências ocasionadas pelas mudanças no cenário econômico, principalmente em relação às condições de vida que se deterioraram com o aumento imensurável da população.

A imigração maciça de povos provenientes de vários países para os Estados Unidos, após a Guerra Civil, e a aglomeração de imigrantes em bairros pobres espalhou a miséria em que a classe trabalhadora se afundou nas grandes cidades americanas do século XVIII e XIX.

Kevin Hayes, em *Maggie, a girl of the streets: a story of New York* (1999, p.6):

Após a Guerra Civil, a demografia dos Estados Unidos mudou significativamente. Mais e mais americanos começaram a migrar das áreas rurais para áreas urbanas em busca de emprego, e a imigração da Europa Oriental aumentou muito. O grande afluxo de pessoas em grandes áreas urbanas criou sérios problemas de acúmulo de pessoas.

Surgem textos cujos temas eram as questões relacionadas à imigração. A preocupação mais pontual era o futuro da nação americana que seguia três posições principais, segundo Irving (1993, p.31): os Nativistas, cujas ideias se baseavam em argumentos racistas, xenófobos e que eram fundamentadas no aspecto de inferioridade em relação à genética dos anglo-saxões; os Americanistas, cujas ideias eram fundamentadas nas questões culturais e

meio ambiente e a dos chamados “*cultural pluralists*”, os quais combatiam as ideias americanistas por meio de argumentos que defendiam a presença dos imigrantes nos Estados Unidos e eram a favor do multiculturalismo, acreditando ser necessária sua existência para o desenvolvimento da nação americana.

Essas linhas de pensamento estão refletidas nos trabalhos literários e mostram uma gama de significados usados em determinado campo discursivo transposto em áreas como a literatura e em trabalhos representativos como o de Crane. Essas categorias servem ao mesmo para construir, por meio das representações, as diferenças e definir tipos. A esse respeito, Irving (IRVING, 1993, p. 31) argumenta que: “[...] o flutuante significante “imigrante” tornou-se discursivamente fixado como categoria racial por meio de sua ligação com os significantes comuns [...]”. Os nativistas consideraram a imigração uma invasão “*alien*”.

Em um contexto peculiar, de transformações pontuais nos Estados Unidos no final do século XIX, Stephen Crane publica *Maggie: A Girl Of The Streets* abordando um tema delicado, até então velado na época expondo as contradições da vida experimentada nos lugares lúgubres da cidade de Nova York, evidenciando um dos principais conflitos da época, relacionado ao choque entre os conceitos morais de classes distintas, uma burguesa, nativista conservadora, a qual ditava a moral da sociedade e outra, pobre, de imigrantes, trabalhadores, praticamente inaudíveis, no que tange à luta por sobrevivência em mundo urbano turbulento.

Maggie: A Girl Of The Streets (1896), de Stephen Crane é um romance novaiorquino cujo foco principal delata as preocupações do autor relacionadas aos conflitos pontuais da classe operária, formada em maioria por imigrantes. Maggie Johnson, protagonista da história é representada como uma garota da região dos “*tenements*” de Nova York, descendente de imigrantes irlandeses, que tem uma vida miserável vê-se obrigada a se tornar prostituta de rua.

Segundo David Fitelson (1964) o romance de Crane, participa de um momento em que abordar o tema da pobreza e focalizar o cotidiano da população das regiões miseráveis tornou-

se moda. A dimensão social no romance é notória, pois ao representar as condições sociais da garota operária inserida na cidade de Nova York revela aos leitores da classe média os muitos problemas encontrados pelos trabalhadores e questiona o modelo de crítica sociológica de autores anteriores, como nos trabalhos de Townsend, , em que descreve a vida nos bairros italianos em *Daughter of Tenements* (1895); Willian Norr o qual pinta o retrato da comunidade chinesa em *Stories of Chinatown*; Abrahan Cahan, que revela o *East Side* habitado por judeus em *Yekl* (1896) ou Edgar Fawcett que, segundo o jornal publicado em agosto de 1898, *New York In Fiction: books in which the scene is Laid Here in Whole Or in Part* , “[...] fez mais para a cidade natal do que qualquer outro romancista”, citando três trabalhos representativos do momento literário, desse autor como, *An ambitious Woman* (1884), *The Evil That Men Do* (1889) e *A New York Family* (1892). Stephen Crane, com *Maggie: A Girl Of The Streets* (1893, 1896) aparece como o precursor de uma nova forma de representar a realidade dos imigrantes irlandeses residentes na Rua *Bowery*. Howard Horwitz (1998, p.610) argumenta:

Maggie radicaliza o paradigma social e, assim, eviscera-o. Incorporando a atividade sociológica definitiva [...] Maggie nos ajuda a reconhecer a sobrevivência do paradigma sociológico na crítica deste romance e também em esforços teóricos recentes a criar um modelo transformativo da crítica sociológica.

Os autores desse período explicitam em seus trabalhos literários o impacto da vida urbana, especialmente na vida da classe pobre. Apontam, do mesmo modo, a existência de uma intrínseca relação da vida experimentada nas grandes cidades, fora da intimidade familiar, com a proliferação de vícios e da violência, entre eles o vício do álcool e a proliferação do chamado “mal social” que é a prostituição.

Em tese *Maggie: a Girl of the Streets* é realista, pois é influenciado pelos expoentes Willian Dean Howells e Hamlin Garland os quais relacionam o homem comum à sociedade por meio da denúncia dos problemas sociais, influenciados pelo pensamento darwinista e pela doutrina filosófica do determinismo de Spencer, o qual toma o indivíduo não como sujeito de

sua própria história, mas como alguém que pode ser manipulado por forças morais, econômicas e sociais que estão além de seu controle. O realismo destaca as cores locais, descrevendo a vida de gente comum, definidas pelas lutas sociais, aspecto das nações em modernização.

Stephen Crane demonstra que a força do meio ambiente determina o destino de seus personagens. Crane faz parte do movimento intitulado *Slum fiction* ou *Tenement fiction*, trazendo à tona o drama da classe operária, retratando os danos das forças econômicas sobre os que vivem sob as pressões da miséria, em um meio ambiente urbano e hostil, onde são expostas as contradições da vida na região dos *tenements*. O inovador em Crane reside no fato de representar a classe pobre em sua complexidade e vulnerabilidade, o que implicou quebrar paradigmas e estereótipos difundidos pela literatura romântica, revelando a crítica feita da situação de uma sociedade fora de controle.

A visão de Crane sobre os bairros pobres de Nova York é demonstrada por meio das ações mentais, criadas ao dar vida a seus personagens, os quais evidenciam uma releitura da classe baixa, modificando o julgamento moral sobre ela. O autor declarou certa vez que (CRANE, Apud. MARGOLIS, 2008, p.93):

[...] as energias frustradas das subclasses frequentemente as voltam umas contra as outras em vez de contra suas regras. Em outras palavras, os pobres podem não ser sempre violentamente conscientes sobre a classe como alguns cientistas sociais querem nos fazer acreditar.

Maggie é uma garota ingênua que experimenta uma vida cheia de opressões violentas ao lado de seus pais alcoólatras e seus irmãos Jimmie e um bebê chamado Tommy, que morre nos capítulos iniciais da história. Maggie cresceu em um meio ambiente em que a constante eram a violência e as brigas, além da dificuldade econômica que enfrentavam morando em um cortiço. Trabalha em uma fábrica de camisas costurando “golas e punhos de camisa” e recebe um salário miserável. Ao longo da história, Maggie conhece Pete, amigo canastrão de Jimmie

e se apaixona por ele. Ao conhecer Nelly, uma prostituta bem sucedida, “uma mulher brilhante e audaciosa”, Pete abandona Maggie, que ao procurar sua família é posta para fora de casa e procura na prostituição uma maneira de sobreviver. Após várias rejeições e de aparentar uma degradação física e moral, Maggie parece se suicidar. Com se pôde perceber, a jovem personagem é o retrato de uma realidade vivenciada por jovens trabalhadoras que tiveram que se submeter às imposições sociais ditadas por um sistema injusto.

Stephen Crane escolhe como cena inicial uma briga. O ambiente hostil dos “*tenements*” é simbolizado já no capítulo inicial de *Maggie*, em uma briga travada entre Jimmie, o irmão valentão, e alguns garotos de uma gangue rival. A valentia utilizada como meio de sobrevivência é enfatizada nesse episódio, demonstrando a existência de uma lei que governa a luta pela vida e pelo espaço impregnado de violência (CRANE, 2006, Cap. I, p.3): “Um menino bem novinho, estava em pé sobre um amontoado de cascalho defendendo a honra da *Rum Alley*. Ele estava jogando pedras contra os garotos esganiçados da *Devil’s Row*”. Nesse episódio, parece estranho o fato de Jimmie defender uma honra, pondo-se em rivalidade com garotos de gangues de rua. Suas ideias a respeito do significado de “honra” não equivale aos conceitos de honra e de moral adotados pela classe média. Ao pensarmos que Jimmie vive em um ambiente cuja moral é definida por conceitos instituídos pela classe operária, pobre percebemos a contradição e a inversão irônica de Crane, utilizada para salientar a incoerência do pensamento da cultura popular.

Na luta, Jimmie mostra ser valente e destemido e Crane se esmera na descrição dessa briga, em que revela a brutalidade e a violência existente nas ruas, lugar preferido pelos imigrantes para realizar suas disputas. É importante ressaltar a violência com que o autor descreve a cena, buscando a expressividade máxima nos adjetivos como “*convulsed faces*” (faces contorcidas) que enfatizam a ferocidade das crianças “endemoniadas”, vista na

utilização dos termos cuja força expressiva faz surgir uma cena espetacular representativa da desordem constante nos bairros da classe trabalhadora, (CRANE, 2006, Cap. I, p. 3):

Urros de ira revigorada emanaram das gargantas da *Devil's Row*. Moleques esfarrapados à direita golpearam furiosamente o monte de cascalho. Em suas pequenas faces contorcidas brilhavam os sorrisos de verdadeiros assassinos. Ao se aproximarem, atiravam pedras e estridentemente o amaldiçoavam e saíam correndo.

Kowalewski (1993, p.105) afirma que para perceber a violência em Crane devemos “Ouvir sua escrita tomar forma.”, ouvir os efeitos sonoros da linguagem do autor naturalista. A escrita consiste em sentenças curtas, cujos pensamentos são condensados, em um ritmo impaciente que interrompe abruptamente e acrescenta: “As cenas de violência em sua obra providenciam algumas das mais valorosas ocasiões para sugerir o quanto demonstra insatisfação e o quanto o seu trabalho é valoroso esteticamente”.

Em episódios pontuais Crane acentua a marca do espetáculo e nos dá a conhecer cenas trágicas que atraem a curiosidade de todos os moradores, tratados como espectadores. A excitação da tragédia é sentida nessa passagem (CRANE, Cap. IX, p. 32): “Um grupo de fedelhos tinha os olhos fitos na porta lateral de um botequim. A expectativa brilhava-lhes nos olhos. Eles retorciam os dedos, no auge da excitação”. Também é facilmente reconhecida nessa cena (CRANE, Cap. XV, p. 57): “Os altos e tremendos brados de escárnio da mãe trouxeram à sua porta os cidadãos do cortiço da Rua *Rum Alley*. Crianças disparavam de um lado para o outro”. São desenhados como “selvagens em busca de sangue”, transfigurados pelo ódio, os personagens assumem imagens demoníacas na história “Jimmie enrubescido possuía traços exangues que lembravam os de um minúsculo demônio insano”. Essa ideia representa a visão nativista do autor que delineia o violento Jimmie, cuja ascendência irlandesa o rebaixa em relação aos americanos. Os imigrantes são considerados desordeiros e violentos pelos nativistas, grupo pertencente à elite americana, ideias com as quais Crane demonstra estar em concordância.

As brigas e principalmente a decadência de Maggie são assistidas por espectadores críticos. Crane descreve as divergências posicionando os adversários como se estivessem em um ringue, cuja luta é seguida de perto por espectadores curiosos, que torcem para que haja um vencedor no final. O autor demonstra a desvalorização do caráter e da moral, acentuando hiperbolicamente os elementos desumanizantes dos personagens que os transformam em guerreiros sanguinários (CRANE, Cap. XI, p. 43): “Os braços dos combatentes rodopiavam no ar como mangás. Os rostos dos homens, a princípio avermelhados pela cólera, já começavam a adquirir a palidez dos guerreiros mergulhados no sangue e no calor da batalha”. Na verdade, Crane rejeita os conceitos da classe média, demonstrando sua recusa por meio de inversões irônicas; refuta os preceitos morais da classe média, por meio da ironia e do contraste que esta proporciona na narrativa.

Frequentemente ele transforma a matéria prima em exibições visuais obtidas pelas cores vivas e impressões luminosas. Seu estilo de narrar a história dos pobres, transformando-a em um espetáculo possui força hipnótica, chamando a atenção para as qualidades estéticas da obra e suas implicações sociais e morais. O estilo espetacular de Crane demonstra a proposta do autor no que se refere às estratégias utilizadas para expor suas ideias contrárias ao sentimentalismo presente na literatura sentimentalista de seus antecessores. Sobre seu estilo espetacular, Mariani (1992, p.25) aponta que:

A ironia de Crane não é subversiva, mas complementar a seu estilo espetacular. Ironia e função espetaculares juntas como as estratégias de Crane de contenção. Por outro lado, ambas operam como armas desconstrutivas contra a ideologia sentimental e consolativa da ficção popular, que se entende como deliberadamente falsa – para – as resoluções narrativas de problemas sociais concretos. Por outro lado, ambos, ironia e espetáculo são, pela própria natureza, incapazes de reformular contradições sociais e políticas em uma linguagem totalizadora.

O aspecto irônico do texto de Crane reside na força negativa que por um lado zomba das banalidades da cultura popular, e por outro, é marcada pela carga ideológica por trás da imaginação do autor. Há evidentes construções metafóricas visuais e teatrais, as constatando como prática corrente dos escritores americanos, já que, no final do século XIX, na sociedade

americana, emergia o que poderia ser chamada de *société du spectacle*, já pensando numa sociedade consumidora em plena explosão industrial. Mariani (1992, p.8) argumenta que o desenvolvimento industrial nas décadas seguintes à Guerra Civil foi marcado pelas relações de produção e consumo.

Em *Maggie: A Girl Of The Streets* há a justaposição de ironia e impressões da linguagem das ruas e romance, o que parece ser uma meta a ser atingida pelo autor que ataca o sentimentalismo dos romances anteriores e de textos reformistas nos quais a vida da classe pobre é estereotipada. Crane ataca a convencional maneira de representar a pobreza, buscando produzir um novo modo de olhar para a classe pobre e como afirma Mariani (1992, p.20): “Esta opinião sobre a obra de Crane não faz justiça ao fato de que o interesse e suas forças dela não estão na criação de enredos intrincados ou originais, mas na análise e crítica de modos estabelecidos de percepções sensoriais e culturais”. Dowling (2007, p.52) afirma que:

[...] não há dúvidas de que existia um conflito cultural muito real entre grupos competidores, há uma aura de inevitabilidade como efeito da urbanização na *Bowery*, esteja isto nas mãos dos Vitorianos ou em alguma outra força cultural de fora [...] reflete a supressão, não a ascendência, daquela cultura singular.

Episódio importante e que demonstra as contradições do julgamento moral, em que se contrapõem os valores morais da classe média e da classe trabalhadora trata-se do momento em que Maggie é rejeitada pela família e apontada como pecadora. A mãe dela, Mary, faz um estardalhaço com o retorno de sua filha chamando os vizinhos para assistir ao grande espetáculo que a ruína de sua filha proporcionava, tal como uma empresária teatral, ou uma apresentadora de algum espetáculo (CRANE, Cap. XV, p. 57): “A mãe de Maggie andava de um lado para o outro, dirigindo-se à porta cheia de olhos, expondo como se fosse uma apresentadora de um museu [...] – Lá está ela! – gritava, voltando-se de chofre e apontando-a com um dedo dramático”.

O estranhamento reside no fato de haver uma preocupação constante com a opinião dos vizinhos. Mary angustia-se com isso (CRANE, Cap.XIII, p.47): “O fato de os vizinhos

comentarem o caso a enlouquecia.”. Contraditoriamente, Mary demonstra a mesma natureza decadente e degenerada de sua filha quando esta chega ao final da trama e passa de garota inocente à prostituta de rua. A natureza degenerada de Mary, a mãe de Maggie, inverte os paradigmas da classe média sobre a vida no casamento e destrói qualquer vestígio de aconchego do lar, contrapondo-se à ideia sobre maternidade instituída pela classe média. Maggie, na verdade é uma antítese física e moral em relação à mãe. Enquanto a mãe é desenhada de maneira grotesca, corpulenta e enraivecida, a personagem Maggie segue o arquétipo da heroína melodramática, vulnerável e passiva. Ela parece ser uma anomalia em meio à família. A relação entre Maggie e a mãe traz implicações ligadas à ameaça que a raça representa para a sociedade americana do século XIX.

A história da ruína de Maggie é carregada de traços melodramáticos, em que ela é desenhada como a heroína arruinada, a fim de atrair os olhares críticos da época. Seu fracasso espetacular proporciona o drama e Crane, com estas representações, demonstra que a miséria humana é vista como um espetáculo (CRANE, 2006, Cap. XV, p.57): “A garota prostrou-se no meio da sala. Ela movia-se como se fosse incapaz de encontrar no chão um lugar onde pusesse os pés”. Diante da grandiosidade que a derrocada de Maggie assume, aparecem os espectadores (CRANE, 2006, Cap. XV, p.57): “Através das portas abertas olhos curiosos fitavam Maggie. Crianças aventuravam-se pelo quarto e a devoravam com os olhos como se formassem a primeira fila de um teatro”.

Um grupo de vizinhas, que conversava entre si, começa a gritar e a julgar Maggie, deixando evidente a ironia de Crane ao permitir que uma classe desprovida de valores morais fizesse esse julgamento na voz dos personagens sem nome que compõem a massa de moradores dos cortiços. O grupo diz (CRANE, 2006, Cap. X, p.39): “Sempre foi atrevidinha! Não havia um sujeito que entrasse na casa, o qual ela não tentasse seduzir!”. Nesse momento, Crane utiliza na narrativa a sua ironia própria, ao expor uma moral hipócrita que não condiz

com a cultura prevalente na classe desfavorecida e enfatiza essa ideia na descrição de outra moradora que na conversa acrescenta (CRANE, 2006, Cap. X, p.39): “Essa mocinha não é direita! Quem possuísse olhos, não demoraria a ver algo de errado naquela menina. Eu não gostava dos seus modos”.

Crane evidencia o choque entre duas classes sociais distintas ao construir a personagem Maggie dotada de valores da classe média em meio à classe pobre, pois ela deseja aprimorar sua condição de vida. Reconhecemos isso ao perceber que o sonho da garota que é resgatada pelo salvador é um sonho típico da classe média. Também sonha com um lar modelar. Ao inseri-la em um lar desmoronado, em que o modelo de lar ideal não existe e mesmo assim, de acordo com os conceitos da classe média, deveria ser um lugar de acolhimento, Crane, na verdade está querendo mostrar os conceitos paradoxais sob os quais a classe média se assenta para analisar e julgar a moral existente na classe pobre e são os mesmos conceitos que fazem parte dos valores morais utilizados pela classe desfavorecida para realizar seus julgamentos.

A busca por uma zona de conforto é percebida quando Maggie tenta melhorar a aparência da sua casa, destruída pelos ataques de raiva da mãe. Na tentativa de viver em uma casa mais agradável e aconchegante, ela lança mão de sua única habilidade ao costurar um adorno para a casa (CRANE, 2006, Cap. VI, p. 23):

Mudando, Maggie contemplou as paredes escuras e manchadas de poeira, e a mobília escassa e bruta de sua casa [...] ela repentinamente olhou isto como uma abominação... Ela gastou parte de seu pagamento da semana na compra de tecido florido para um lambrequem. Ela o fez com infinito cuidado e o pendurou na cornija sutilmente torta, sobre o forno, na cozinha. Ela o estudou com dolorosa ansiedade de diferentes pontos na sala. Ela queria que ele parecesse bem [...].

Do mesmo modo, vemos que Maggie não é uma simples espectadora passiva que absorve os códigos da cultura de massa, ela também projeta suas esperanças na dimensão utópica das peças de teatro que assiste ao lado de Pete. Mariani (1992, p.76) afirma que Maggie indica o conhecimento de Crane sobre os valores da classe baixa mostrando ao leitor

que a arte pode fazer as pessoas perceberem o mundo a sua volta de maneira mistificada e que o romance de Crane pode ser visto como uma inversão paródica do que é exibido realmente na Bowery.

Por sua vez, Maggie é vitimizada pela falsa imagem de si mesma e de seu mundo. Sua visão da realidade é obnubilada pelo “*glitter*” proporcionado pelo imaginário, por meio da fruição da arte encontrada nos grandes *saloons* e casas de espetáculo onde Pete a levava. Chama-nos a atenção a descrição dos ambientes criados propositadamente para que os pensamentos de Maggie escapassem para o mundo da ilusão. Maggie refugia-se num mundo de ilusão, cuja válvula de escape é a arte, por meio da qual ela tenta superar a sua situação de abandono. Esse aspecto marca a influência dos gostos próprios da classe média na imagem que a personagem tem de sua vida e dos ambientes que a cercam.

Em *Maggie: A Girl of The Streets* Crane representa a visão da força moral num mundo de degradação e violência, que ocorre com a desumanização de seus habitantes, sendo fiel à propostas da estética naturalista. Concordamos com Warren Susman (1984, p.273) ao relatar que o autor demonstra o declínio da mentalidade existente no século XIX e o surgimento de novas ideologias, propostas pela psicologia moderna, especialmente sobre os argumentos relativos ao desenvolvimento da autoestima. Susman acredita tratar-se de uma obra conflituosa dos séculos XIX e XX nos Estados Unidos, pois provoca um confronto entre aspectos morais distintos “entre culturas diferentes: a velha cultura puritana, republicana, capitalista e uma nova emergente cultura da abundância e do consumo”.

Margolis (2008) diz que, os romances do século XIX não tinham a simples pretensão de divertir ou entreter, mas de informar à emergente classe média que existia um vasto mundo além das paredes de sua casa. Uma vez que a realidade social do momento está ligada à historicidade de seu tempo, a escrita literária de Crane revela-se uma espécie de testemunho histórico, pois relata e recria o universo de relações sociais existentes naquela época. Portanto,

Crane, mesmo partindo de uma percepção pessoal, por meio da familiarização com os problemas da classe trabalhadora faz importantes referências sobre as relações sociais, suas influências culturais, tanto internas como externas ao ambiente criado por ele em *Maggie: A Girl Of The Streets*. Dowling (2007, p.52, tradução nossa) declara que:

Os contos da *Bowery* escritos por Crane são carregados com energia social que só poderia ter vindo de um artista que, apesar de forasteiro, era significativamente familiar com a *Bowery* e seu passado. Crane começou a escrever *Maggie* em Siracusa; que havia vivenciado a vida de Manhattan a qualquer nível significativo, mas em cada capítulo há referências salientes à “respeitável” cultura forasteira na assinatura da cidade e como era igualmente odiada e rivalizada pelos naturais de *Bowery*.

Consideramos que o estilo de Crane pode ser visto como estratégia que contém tanto os ataques contra os modelos convencionais de representação e produção, tanto almeja que os leitores vejam realmente a pobreza, o desespero e a violência com um tom de rebeldia ao sentimentalismo e melodrama anteriormente utilizados na representação do lado pobre da cidade, constatando que o processo de produção literária trabalha com dois aspectos: o literário e o social, unificados em um todo estrutural em Crane, cuja finalidade é de contestar e denunciar a visão da sociedade a respeito da classe pobre. Em Crane, o drama ficcional da protagonista Maggie espelha uma realidade social conflituosa e cínica, embora o tom de denúncia seja disfarçado pela ironia presente na obra. Por apresentar uma escritura peculiar e inovadora, o autor registra as impressões e faz um retrato crítico da pobreza em sua época, ao retomar a temática da prostituição e sua relação com a sociedade. Sendo assim, acreditamos que a escrita ficcional se mistura à realidade, posto que, as imagens fictícias da realidade e o tom intencionalmente pedagógico que permeia os romances de Crane buscam focalizar a produção literária modeladora das características da sociedade.

REFERÊNCIAS

- CRANE, S. **Maggie: a Girl Of The Street**. New York: Batam Dell, 2006.
- DOWLING, R. M. **Slumming in New York: from the Waterfront to mythic Harlem**. Illinois: University of Illinois Press, 2007.
- FAWCETT, E. **The Evil That Men Do**. New York: Belford Company, 1889. Disponível em: <<http://pds.lib.harvard.edu>>. Acessado em: 13 de janeiro de 2010.
- FINE, D. M. Abraham Cahan, Stephen Crane and the romantic tenement tale of nineties. In: **American Studies**. v.14, n.1, 1993. Disponível em: <http://journals.ku.edu>. Acesso em 03 dez, 2010.
- FITELSON, D. Stephen Crane's Maggie and Darwinism. **American Quaterly**, v.16, n.2. The Johns Hopkins Univeristy Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em 13 mar, 2012.
- GANDAL, K. Stephen Crane's "Maggie" and the Modern Soul. **ELH**, v.60. The Johns Hopkins University Press, 1993. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acessado em: 13 de março de 2012.
- HAYES, K. J. **Maggie: A Girl Of The Streets: a story of New York**. St. Martin's: Bedford, 1999. Disponível em: <<http://www.Books.google.com.br>>. Acessado em: 06 de agosto de 2010.
- HOWARD, J. **Form and History in American Literary Naturalism**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1985. Disponível em: <<http://www.questia.com>>. Acessado em: 23 de abril de 2013.
- HORWITZ, H. Maggie and the Sociological Paradigm. **American Literary History**, v. 10, n. 4, 1998, p. 639. Oxford University Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acessado em: 13 de março de 2012.
- IRVING, K. Gendered Space, Racialized Space: Nativism, the immigrant Woman and Stephen Crane's 'Maggie'. In. **College Literature**, v. 20, n. 3. 1993.
- KOWALEWSKI, M. **Deadly Musings: Violence and Verbal Form in American Fiction**. UK: Princeton University Press, 1993.
- MARGOLIES, E. **New York and Literary Imagination: The City in Twentieth Century Fiction and Drama**. Jefferson, North Carolina: Mcfarland & Company, Inc. Publishers, 2008.
- MARIANI, G. **Spectacular Narratives: Representations of Class and War in Stephen Crane and the American 1890s**. New York: Peter Lang Publishing, Inc., 1992.
- New York in Fiction**. Books in Which the Scene is Laid Here in Whole Or in Part - Opportunities Not Yet Seized, p. B537, 1898. Disponível em: <<http://query.nytimes.com>> Acessado em: 26 de janeiro de 2016.
- SOLOMON, E. **Stephen Crane, From Parody to Realism**. Massachussets: Harvard University Press, 1966.
- SORRENTINO, P. M. **Student Companion to Stephen Crane**. USA: Greenwood Press, 2006.
- SUSMAN, W. **Culture as History: The transformation of American Society in the Twentieth Century**. New York: Partheon Book, 1984.
- WEST, R. B. J. Stephen Crane: author in transition. In: **American Literature**, v. 34, n. 2, 1962. Duke University Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acessado em 21 de outubro de 2014.

Recebido em: 14/05/2017

Aceito em: 19/06/2017